

Engajamento étnico-cultural e identidade feminina na pratica congadeira¹

Claudelir Corrêa Clemente – INCIS/PPGCS/Universidade F. de Uberlândia

Palavras chave: mulher negra, cultura e identidade

Dentre as manifestações culturais cultivadas pela população afrodescendente na cidade de Uberlândia, a Congada é a que reúne mais pessoas. Suas primeiras celebrações datam de antes do término da escravidão, que ocorreu em 1888.

Sua origem tem matriz banto-africana e influência católica, tendo emergido no contexto brasileiro colonial em que crenças, fé, religiões e devoções eram intensamente praticadas por povos africanos escravizados, lusitanos e indígenas. Em meio a esse grande laboratório religioso brasileiro, configura-se esse tipo de celebração negra que louva seus santos – em Uberlândia particularmente Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito e São Domingos – através de grupos musicais de base percussiva, autodenominados ternos de Congos: Catupés, Congos, Marinheiros, Marujos e Moçambiques.

É importante ressaltar que a Congada ocorre em várias cidades brasileiras. Em Minas Gerais é um evento significativo do calendário religioso dedicado à devoção dos santos e desde o período colonial ela é organizada por Irmandades de Homens Negros, organizações religiosas de caráter leigo que desempenharam papel especial durante a colonização brasileira.

Esse tipo de vinculação social via Irmandades promovia entre os negros urbanos, principalmente os alforriados, um tipo de ajuda mútua, possibilitando-lhes locais de encontros, casas nos subúrbios, onde escondiam as cerimônias religiosas propriamente africanas e por vezes, como ressalta Bastide (1974), organizavam revoltas.

A participação nessas organizações permitia aos negros encontrar um alento frente à perversidade do sistema escravocrata, pois a escravidão gerou para o negro uma vida social estigmatizada mesmo após o seu término.

Apesar de toda a invenção de uma democracia racial, o modelo brasileiro de

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

Outrossim, o trabalho resulta de pesquisa realizada através do Programa Observatório Etnográfico das Culturas coordenado pela autora e financiado pelos editais do PROEXT/MEC de 2012 e 2013.

convivência entre os vários grupos étnicos demonstrava,

“uma refinada etiqueta de distanciamento social e uma diferenciação aguda de status e de possibilidades econômicas, convivendo com equidade jurídica e indiferenciação formal; um sistema muito complexo e ambíguo de diferenciação racial, baseado, sobretudo nas diferenças fenotípicas, e cristalizado num vocabulário cromático” (GUIMARÃES, 2005, p. 41)

Após o término da escravidão, quando a ideologia liberal pregava a liberdade dos homens e exortava a tratá-los como iguais, configurava-se uma ideologia racial que, por meio de um vocabulário cromático, discriminava as pessoas pela cor de pele. No entanto, *“alguém só pode ter cor e ser classificado num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado”* (GUIMARÃES, 2005, p. 47).

A relevância que a cor de pele passa a ter na sociedade brasileira revela um tipo de racismo específico porque

“a ‘cor’ (sic) passou a ser uma marca de origem, um código cifrado da raça. O racismo colonial, fundado sobre a ideia da pureza de sangue dos colonizadores portugueses, cedeu lugar, depois da independência do país, à ideia de uma nação mestiça”, (GUIMARÃES, 2005, p. 48).

No entanto a miscigenação deveria operar no sentido do embranquecimento da pele negra e não na manutenção de sua negritude.

De acordo Suzanne Oboler, instaurou-se uma pigmentocracia:

A clareza da pele estava diretamente relacionada a maior status social e maior honra; enquanto a cor escura estava associada tanto com “o trabalho físico dos escravos e dos índios”, quanto, visualmente, com a “infâmia dos conquistados”. (OBOLER apud GUIMARÃES, 2005, p. 49)

A condição de pobreza dos negros e mestiços, assim como, anteriormente, a condição servil dos escravos, era tomada como marca de inferioridade.

Será no ambiente das Irmandades que se tornará possível ao negro reunir-se com outros negros iguais a ele e buscar, como tudo indica, através da religião, uma forma de seguir e alçar novos caminhos e novas perspectivas. No entanto, esses novos caminhos seriam já brasileiros, diluidores da origem étnica e/ou geográfica e instauradores de um novo elo entre esses negros: a vivência comum da escravidão.

A respeito da religião enquanto uma das práticas culturais que permitem aos africanos e aos afrodescendentes, após a escravidão, um espaço de vivência mais comunitária, mas que ofusca as origens étnicas, Reginaldo Prandi ressalta:

A cultura africana que assim vai se diluindo na formação da cultura nacional corresponde a um vastíssimo elenco de itens que abrangem a língua, a culinária, a música, representações míticas e concepções religiosas. Mas, fora do campo religioso, nenhuma das instituições culturais africanas logrou sobreviver. (PRANDI, 2000, p. 58)

A Congada em Uberlândia

Em Uberlândia, tudo indica que o contingente africano empregado nas frentes de trabalho escravo buscou alentar suas dores e vencer desafios através da devoção aos santos católicos. Não que não existam na cidade religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Muitos, mesmo entre os congadeiros, estão inseridos nessas religiões. Inclusive, em vários momentos a devoção às religiões afro-brasileiras, manifestam-se em meio às celebrações católicas, havendo uma certa convivência religiosa nada amena, mas constatável. No entanto, esse é um assunto que merece ser melhor analisado e no momento não dispomos de informações para uma satisfatória análise do tema.

Além das homenagens aos santos de devoção, a Congada uberlandense envolve ritos em torno das figuras do rei congo e da rainha conga. Já os grupos de congado conhecidos como ternos estariam ligados ao mito da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário nas águas do rio ou do mar, ou na gruta. Há vários desses mitos relatados pelos participantes do Congado e, para este artigo, escolhemos o relatado por Antônia, capitã do terno Marinheiro Nossa Senhora:

Escuto isso desde pequena no terno que participo, o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. A gente sabe que Nossa Senhora foi encontrada no mar pelos marinheiros. Eles a tiraram do mar e levaram para construir uma paróquia. No outro dia viram que Nossa Senhora tinha voltado para o mar. Repetiram várias vezes o mesmo procedimento, tiraram ela do mar, mas ela voltava no dia seguinte. Só que um dia de repente coincidiu de passar os moçambiques fazendo suas reverências a Nossa Senhora do Rosário e a santa os acompanhou, porque eles não deram as costas

para ela. Outros ternos também tentaram, mas não conseguiam. Só o terno Moçambique, porque não dava as costas para ela. O que os ternos entenderam é que quando está dançando não pode dar as costas para Nossa Senhora. É uma forma de reverência.²

Na atualidade, esses mitos e seus rituais continuam a ser praticados pelos afrodescendentes de Uberlândia. Eles revelam muito sobre o sincretismo religioso presente na celebração. Mas revelam também a maneira como os afrodescendentes uberlandenses lidaram com sua condição social de descendentes de africanos escravizados, ainda estigmatizados pela “raça” expressa na “cor”. É no universo religioso que eles operam suas possibilidades de transformação social e política.

Tal qual o Brasil, a sociedade uberlandense não fala de discriminação ao negro, nos espaços acadêmicos e públicos não se fala em raças, mas de uma cultura específica dessa gente de cor. Como o Congado é a cultura que se manifesta em pleno espaço público, são visíveis nos dias da celebração algumas das manifestações do racismo, assim como manifestações de apoio e adesão.

É impressionante ver como a cidade se transforma nos dias da Congada³ no mês de outubro.

A Igreja Nossa de Senhora do Rosário está situada em meio a bairros centrais cujos habitantes são das classes média e média alta, e circundada, portanto, por equipamentos de lazer, de serviços e comércios para tais classes. O cotidiano da região é pautado pela dinâmica social de seus habitantes e de transeuntes atraídos pelos serviços desse espaço. Em um domingo e uma segunda-feira do mês de outubro, os ternos do congado rompem com esse cotidiano, trazendo para o local uma população predominantemente afro-brasileira e consigo suas formas de consumo, seu estilo de vida, sua estética, seus penteados, seus sons, tons e cores.

Os sons e as cores das pessoas e ternos são o que mais chama a atenção. Agradam devotos, simpatizantes como eu e muitas pessoas que admiram e reconhecem a importância dessas manifestações culturais para a constituição de relações interétnicas mais igualitárias. Mas há também muitos incomodados com a Congada: o comércio e os equipamentos de lazer fecham suas portas. A maioria dos moradores reclama, e muitas

² Depoimento coletado na execução do Programa Observatório Etnográfico das Culturas, ano de 2012.

³ De acordo com Jeremias Brasileiro, estudioso do Congado, Congada é a festa, a celebração aos Santos e Congado é o todo, o antes, o durante e o depois, ou seja, um conjunto de práticas desenvolvidas pelos congadeiros.

vezes de forma preconceituosa, do som e dos congadeiros.

Mas a Congada trilha seus caminhos, seu itinerário urbano, seus líderes são conscientes dos entraves à sua manifestação e encorajam os participantes, sabendo que são obstáculos históricos que remontam a um passado de relações etnicorraciais tensas na cidade que outrora, tal como outros espaços brasileiros, foi palco da escravidão de povos africanos e de dominação europeia, do reconhecimento da etnia do rei em detrimento das etnias indígenas nativas e dos grupos étnicos africanos.

A constituição dos ternos é importante para superar esses entraves. São, na sua maioria, compostos por três ou mais capitães, uma ou mais madrinhas, soldados e bandeireiras. Todos possuem um quartel, local onde o terno e devotos realizam suas atividades religiosas, socioculturais e de preparação do festejo.

Ao longo do trajeto do Congada que por vezes começa no bairro onde é o quartel do terno, cabe aos capitães acompanhar o deslocamento certificando-se de que tudo corre bem e sempre entoando e puxando músicas do terno. Geralmente um dos capitães é responsável por reger a bateria, é o maestro, também responsável pelos seus ensaios. Dois outros capitães ou fiscais protegem as laterais e se movem entre os dançadores. As madrinhas, que podem ser do terno ou da bandeira, seguem à frente, junto à jovem que carrega a bandeira. Mas também transitam pelo terno à medida que se faz necessário. Elas auxiliam as bandeireiras e são responsáveis pelas crianças. Essa composição pode apresentar diferenças entre os ternos, mas no geral é a mais comum.

Dessa forma adentram as ruas de Uberlândia com seus batuques.

Observa-se que há um Comandante Geral, um tipo de guardião que recebe os grupos à frente da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Os ternos de Marinheiros promovem a abertura da festa, os Marujos vêm atrás acompanhando os Marinheiros. No prosseguimento da apresentação, os Catupés e Moçambiques agregam mais beleza e energia e esses últimos encerram o desfile.

Os ternos Catupés, quanto às indumentárias e danças, apresentam influência indígena. Isto é porque, no Brasil colônia, os negros escravizados tiveram contato interétnico com os índios ao promover fugas e tentarem se livrar da senzala e das condições social, material e de vida que lhes eram impostas. O louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e as canções transmitem uma intensa euforia e concomitantemente realizam uma crítica ao sofrimento causado pelas condições acima citadas.

Os ternos de Congo usam indumentárias bastante coloridas, cantam com muita

alegria em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Quando pulam para cima, reverenciam a primeira e, quando pulam para baixo, o segundo. O conjunto instrumental é composto por cavaquinhos, chocalhos, caixas, pandeiros, cuícas, acordeons, violões, reco-recos. Enfim, uma variedade instrumental que proporciona forte musicalidade à festa.

Os Marinheiros recompõem a memória de sofrimento herdada dos escravos e por isso são ternos que reforçam a resistência negra. As indumentárias, de um modo geral, são na cor azul, que lembra a cor da água do mar – significando o encontro dos negros com a santa que retiraram do fundo do mar e que os teria abençoado – e usam também uma capa bordada cujo objetivo era ocultar a espada em caso de uma potencial batalha (simbólica).

Os Moçambiques apresentam uma composição de integrantes mais idosos e são os únicos que foram observados tocando patagongas, acompanhando a cantoria de lamento que proporciona uma emotividade contagiante e que, portanto, tem um ritmo mais lento. Usam uma espécie de mini-tambores presos ao tornozelo e as patagongas produzem sons que são expressão de fé e têm muita força no momento do “Viva Nossa Senhora! Viva São Benedito!”

Não há como não atentar para uma ponte reflexiva com Paul Gilroy (2008), pois o Congado de Uberlândia traz nas práticas muito do que se observa nas culturas negras que emergiram na América após a diáspora africana.

A apropriação que faço de Gilroy (2008) trilha a ideia de que a experiência e a memória da diáspora, associadas ao processo cruel de escravidão e à violência dos racismos, gerou nas culturas negras um desejo de superação da condição subalternizada, concretizado em práticas culturais que solapam a dominação racista paulatinamente.

Quando afirmei ter sido levada ao universo congadeiro de Uberlândia através do som dos tambores que ressoavam na cidade, revelei o quanto tinha sido afetada pela musicalidade desses ternos.

Na trilha de Gilroy (2008), analisar a música no universo negro significa observar a autocompreensão articulada feita por essas pessoas, o uso simbólico que lhe é dado pelos congadeiros e por outros artistas negros, pois a música constitui um elemento central e mesmo fundamental. *O caráter oral das situações culturais nas quais se*

desenvolve a música na diáspora pressupõe uma relação distintiva como o corpo.
(GILROY, 2008, p. 162)

Gilroy (2008) reforça essa distinção citando Edouard Glissant:

Não há nada de novo declarar que para nós (negros) a música, o gesto e a dança são formas de comunicação, com a mesma importância que o dom do discurso. Foi assim que inicialmente conseguimos emergir da *plantation*: a forma estética em nossas culturas deve ser moldada a partir das estruturas orais. (GLISSANT apud GILROY, 2008, p. 162)

O Congado porta esse tipo de estética negra na música, no canto e na dança. Inclusive muitos congadeiros afirmam: “eu danço o Congado”, e não: “eu participo de um grupo de congado”.

Nesse sentido, para expressar sua devoção, sua fé nos santos, é preciso preparar corpo e alma, e isso ocorre nos quartéis.

Nesses quartéis, distribuídos, na grande maioria, em bairros periféricos de Uberlândia, tende a germinar uma resistência informalmente organizada, mediada por conteúdos culturais selecionados pela comunidade e definidores de sua etnicidade. *A identidade étnica cimenta a coesão interna e os suportes da resistência externa* (BANDEIRA, 1988, p. 23).

A mulher tem um papel fundamental nesses espaços.

Protagonismo feminino no Congado

Na festa, nos bairros e nos quartéis dos ternos observamos o papel significativo que as mulheres assumem no Congado.

O interessante é que, para mobilizar suas comunidades, as mulheres em especial fazem uso de relações sociais que não são convencionalmente tidas como políticas: de vizinhança, parentesco, compadrio e amizade.

Antônia, capitã do terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, nos relata:

A mulher tem o papel de alimentar espiritualmente e socialmente o terno. Elas são a força do terno. As madrinhas em específico devem zelar pelo grupo. Alimentação de fé, do corpo e do espírito. Então, sabe, esse papel é o papel central da madrinha. Ela organiza a festa, organiza meninas da bandeira, aconselha a todos, é orientadora. Organiza espiritualmente, a gente fala muito assim, que qualquer fato

negativo espiritual que aconteça de negativo com o terno é a madrinha da bandeira que está na frente com as meninas das bandeiras no sentido de proteção. Quer dizer, acaba que o papel da mulher, olha só, é um grande papel, ela é protetora de todo o terno. O primeiro contato que todo mundo (o público dos festejos) tem é com as mulheres do terno. Elas filtram esses contatos.

A madrinha não é responsável pela cozinha do terno, geralmente há uma pessoa responsável por isso que é selecionada pelo(a) capitão(ã) do terno. Mas a grande faceta da madrinha é que ela é responsável pela fé, pelo vestuário, pelos penteados, o que caracteriza o afrodescendente pertencente ao congado. Para as festas são feitas roupas para cada dia. (Antônia, Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário)

Zelar pelo grupo significa mantê-lo vivo, daí advém o alimentar espiritualmente e socialmente. No nível espiritual cabe à mulher e ao homem garantir a manutenção dos preceitos religiosos do grupo, sejam eles de qual opção forem, mas à mulher cabe a socialização desses preceitos religiosos, através da orientação das crianças, jovens e homens do terno.

Nos cinco meses que antecedem o mês de outubro, dedicado à celebração dos santos do Congado, os quartéis reúnem devotos e simpatizantes para preparar a festa e exaltar seus laços sociais. Um conjunto de atividades é mais visível: campanhas, leilões e novenas são realizados para angariar fundos, mas, sobretudo, para fortalecer laços. Nesses momentos a atuação feminina é imprescindível e é dela que provém a força que garante a manutenção do terno e principalmente de seu sentido étnico.

São as mulheres congadeiras que exaltam, cultivam e transmitem os valores de beleza, a estética e o estilo de vida congadeiro. É através dessa valorização e afirmação constantes da importância dos valores afro-brasileiros que comportamentos, cuidados corporais, opções de vestimentas, cabelo, unhas e pele ganham uma estética de conteúdo afro.

Esse jeito de ser, esse estilo afro-brasileiro circula nas ruas da cidade, nos locais de trabalho, nas escolas e universidades, não se restringindo ao Congado.

A atitude dessas pessoas expressa uma ação política que não é constituída nas relações que envolvem partidos políticos, disputas pelo Estado, ou mesmo debates em assembleias e fóruns que discutem afirmação, antes resulta de um trabalho feminino paulatino que incentiva afrodescendentes congadeiros a engajar-se culturalmente a seu

terno, a sua gente, a sua história. Nesse sentido, as mulheres realçam em seu protagonismo que as manifestações culturais constituem também estratégias de afirmação da identidade individual e do grupo, ao mesmo tempo em que engendram uma rede de apoio social.

Esse trabalho de afirmação étnica feito pelas mulheres é erguido por meio de ações e relações sociais que não têm aparentemente cunho político, mas têm o poder de arregimentar pessoas, reuni-las, organizá-las e transformá-las em agentes em prol de causas sociais. Digamos que são práticas sociais expressões de um ‘modelo comunitário de organização’ que valoriza os laços interpessoais, a solidariedade, a ajuda mútua e a participação entre iguais. Características que se contrapõem à competitividade, individualismo, atomização da existência e à tradição política brasileira (centralização de poder, populismo, paternalismo etc.).

Desse modo, nos quartéis, as comunidades afrodescendentes se organizam a partir de certas instâncias culturais, como a religião e o lazer, o que enseja aos seus membros uma convivência étnica total numa experiência de vida comunitária que os fortalece para romper entraves da vida social urbana, principalmente os que se referem ao impedimento de relações étnicorraciais igualitárias.

Agradeço ao comandante geral do Congado Sr. Jeremias Brasileiro, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do município de Uberlândia e aos congadeiros e congadeiras que me abriram as portas do Congado. Meus agradecimentos estendem-se aos bolsistas que compuseram as equipes de trabalho do Conexões Saberes/2011, Observatório Etnográfico das Culturas e Mapa Antropológico do Congado de Uberlândia.

Bibliografia

- ALCANTARA, Ana Paula. (Org.). **Congos, moçambiques e marinheiros: olhares sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro de Uberlândia**. Uberlândia: Edufu, 2008.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Introdução*. In: **Território Negro em Espaço Branco**. São Paulo: Ed Brasiliense, 1988.
- BASTIDE, Roger. **As Américas Negras**. São Paulo: Difel e Edusp, 1974.
- BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias e disputas (1955-2011)**. Dissertação de mestrado, UFU 2012.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- _____. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo:

Brasiliense, 1986.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed 34, 2008

GUIMARÃES, Antônio A. Racismo e Antirracismo. São Paulo, ed 34, 2005

HALL, Stuart **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

SECRETARIA DA CULTURA DE UBERLANDIA , **Inventário de Bens Imateriais**
<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=23&pg=436>

KINN, Marli. **Negros Congadeiros e a cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia-MG**. Dissertação de Mestrado. USP 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1995.

GONÇALVES DA SILVA, Wagner. **Candomblé e Umbanda**. São Paulo: Ática, 1988.

VOGT, Carlos e FRY, Peter. **Cafundó: a África no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

PEREIRA, João B. Borges. *A cultura negra: resistência de cultura a cultura de resistência*. In: **Revista Dédalo**, 1984.